ALGODÃO

Sucesso sob condição

Todas as previsões dependem essencialmente de condições climáticas favoráveis e da liberação dos recursos para o custeio

DANIELA DE PAULA ROCHA

Os instrumentos do governo – Programa de Escoamento do Produto (PEP), empréstimos do governo federal (EGF) e aquisições do governo federal (AGF) – foram mecanismos essenciais de auxílio à comercialização do algodão. Antes do primeiro leilão do PEP ocorrer, em abril deste ano, o algodão do Paraná e de São Paulo, estados já então em processo de colheita, estava sendo comercializado abaixo do preço mínimo, com o preço mínimo do algodão em caroço de R$7,00/@ e o do algodão em pluma de R$24,50/@.

Através desses três instrumentos, até o final de setembro foram comercializadas aproximadamente 198 mil toneladas de algodão em pluma, o correspondente a 47,4% da produção nacional. A aquisição do governo foi de 6,3 mil toneladas via EGF e 48,6 mil toneladas por meio de AGF. No Programa de Escoamento do Produto, no qual o governo concede um prêmio (em determinados leilões o valor do prêmio chegou a R$2,96/@) para a obtenção do produto), comercializaram-se cerca de 143 mil toneladas. O PEP é o programa que o governo mais incentiva, pois evita a acumulação de estoques.

A safra atual foi marcada pela restrição da demanda de produtos têxteis. Cautelosas, as indústrias têxteis não acumularam estoques, e o resultado foi a diminuição do consumo do algodão.

Além disso, os produtores do Paraná, Goiás, Minas Gerais (Triângulo Mineiro), São Paulo e Mato Grosso do Sul sofreram prejuízos causados por problemas climáticos ou por ataques de pragas e doenças nas lavouras que prejudicaram a qualidade do algodão colhido, em muitos casos menos comprido do que o padrão. Ainda dessa vez os instrumentos do governo serviram ao menos para manter o preço mínimo do produto.

O Plano de Safra 1998/99

As principais medidas adotadas no Plano Safra 1998/99 para o algodão não foram muito diferentes das medidas do anterior. O algodão ainda é a cultura com o maior limite de crédito de custeio (R$300 mil por produtor), por seu elevado custo de produção. Os preços mínimos do algodão em caroço e em pluma permaneceram no mesmo patamar da safra passada, ou seja, R$7,00/@ e R$24,50/@ respectivamente.

A Conab prevê aumento de 1,2% na área cultivada com algodão e de cerca de 22,5% da produção de algodão em pluma, passando das atuais 414,4 mil toneladas para aproximadamente 507,70 mil. Mas isso depende de condições climáticas favoráveis, como acontece até agora, e de recursos de custeio, principalmente para o pequeno produtor – que ainda não chegaram à boca do caixa.

As políticas estaduais também têm voz nas decisões da cotonicultura. No Paraná, na safra 1997/98, os produtores foram estimulados a cultivar algodão por meio de um programa de financiamento elaborado pelo governo estadual, o que de certa forma (além dos preços compensadores da safra anterior) influenciou o aumento da área cultivada com a cultura, que pulou de um total de 59,2 mil hectares na safra 1996/97, para algo em torno de 116,6 mil hectares na safra de 1997/98.

Não há expectativa de continuidade desse programa para a próxima safra, o que, aliado

Algodão em pluma: área, produção e produtividade

Safras 1996/97, 1997/98 e 1998/99 (previsão)

	Área em mil ha					*Produção em mil toneladas*				
Regiões e estados	*1996/97*	*1997/98*	*1998/99 limite inferior*	*1998/99 limite superior*	*1998/99 valores médios*	*1996/97*	*1997/98*	*1998/99 limite inferior*	*1998/99 limite superior*	*1998/99 valores médios*
Sul	59,20	116,60	58,30	64,10	61,20	40,40	64,50	39,80	43,70	41,75
Paraná	59,20	116,60	58,30	64,10	61,20	40,40	64,50	39,80	43,70	41,75
Sudeste	132,10	200,50	134,60	151,00	142,80	82,50	108,00	81,40	91,30	86,35
Minas Gerais	53,60	78,80	59,10	67,00	63,05	28,10	41,10	35,20	39,90	37,55
São Paulo	78,50	121,70	75,50	84,00	79,75	54,40	66,90	46,20	51,50	48,85
Centro-Oeste	164,70	342,80	375,40	396,00	385,70	123,80	216,30	312,00	329,00	320,50
Mato Grosso	55,20	113,20	220,70	232,10	226,40	34,80	97,10	189,30	199,00	194,15
Mato Grosso do Sul	25,50	49,00	50,00	51,90	50,95	19,60	32,60	40,30	41,80	41,05
Goiás	84,00	180,60	104,70	112,00	108,35	69,40	86,60	82,50	88,20	85,35
Centro-Sul	356,00	659,90	568,30	611,10	589,70	246,70	388,70	433,10	464,10	448,60
Norte/Nordeste	301,50	220,00	301,50	301,50	301,50	59,10	25,60	59,10	59,10	59,10
Brasil	657,50	879,90	869,80	912,60	891,20	305,80	414,30	492,20	523,20	507,70

Fonte: Conab/Didem.

aos problemas de produção e comercialização, faz prever que a área plantada no estado fique do tamanho da observada em 1996/97 e aproximadamente 47,51% menor que a de 1997/98.

Outros estados de produção significativa de algodão em pluma (Minas Gerais, São Paulo e Goiás), prejudicados pelo clima, devem reduzir a área. No Mato Grosso do Sul, com problemas parecidos, há previsões de um pequeno aumento (4%) na área e (26%) na produção. No Nordeste, o aumento esperado da área continuará sendo liderado pelo estado da Bahia.

Se forem confirmadas as previsões, Mato Grosso se tornará o maior produtor brasileiro de algodão, dobrando a área cultivada. Por trás desse incremento estão os incentivos fiscais – isenção parcial do ICMS concedida pelo governo estadual; disponibilidade de sementes de elevado potencial produtivo e de alta resistência às doenças; fatores climáticos ideais para a implantação e cultivo no estado e ganhos consideráveis obtidos com o produto, em decorrência da mecanização e manejo das lavouras, resultando em um produto de elevada qualidade.

Todas as previsões dependem essencialmente da liberação dos recursos para o custeio. Até o momento os produtores estão enfrentando muita dificuldade na obtenção de tais recursos, fato que está atrasando o plantio no Paraná e em São Paulo.

E-mail: daniela@fgv.br

SAFRA DE VERÃO

ARROZ

Quarto crescente

Praticamente todos os estados brasileiros que produzem arroz deverão registrar crescimento de área na próxima temporada

ELIANA LEITE

A produção total da safra de verão foi avaliada pela Conab entre 10,9 e 11,3 milhões de toneladas.

Considerando uma média de 11,1 milhões, esse desempenho significará um crescimento de 31% sobre o resultado da colheita anterior – o que não quer dizer muita coisa. O nível a ser alcançado (caso tudo dê realmente certo) é ainda ligeiramente inferior ao resultado de 1995, o melhor dos últimos anos, e nem mesmo essa colheita chegou a ser excepcional.

A produção, que entrou em trajetória decadente a partir de 1996, apenas está retornando ao ponto de partida – um patamar convencional. Muito possivelmente ensejará uma nova fase de crescimento, caso se concretizem as boas expectativas quanto ao mercado para as novas variedades agulhinha de sequeiro.

A possibilidade de melhor comercialização para as novas variedades altera a tendência ao desinteresse pela atividade arrozeira que dominava os produtores dos estados centrais.

Arroz: área, produção e produtividade

Safras 19987/98 e 1998/99 (previsão)

U.F.	Área (em mil ha)					Produção					Produtividade (kg/ha)		
	1997/98	1998/99		Variação (%)		1997/98	1998/99		Variação (%)		1997/98	1998/99	Variação (%)
	(a)	(b)	(c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(f)	(e/d)	(f/d)			
PR	83,4	83,4	83,4	-	-	166,8	166,8	166,8	-	-	2.000	2.000	-
SC	142,6	145,5	148,3	2,0	4,0	805,7	822,1	837,9	2,0	4,0	5.650	5.650	-
RS	849,2	900,2	951,1	6,0	12,0	3.609,1	4.816,1	5.088,4	33,4	41,0	4.250	5.350	25,9
Sul	1.075,2	1.129,1	1.182,8	5,0	10,0	4.581,6	5.804,9	6.093,1	26,7	33,0	4.261	5.151	20,9
MG	208,6	208,6	208,6	-	-	394,3	394,3	394,3	0	0	1.890	1.890	-
ES	9,8	9,8	9,8	-	-	28,9	28,9	28,9	0	0	2.950	2.950	-
RJ	5,0	5,0	5,0	-	-	16,1	16,1	16,1	0,1	0,1	3.217	3.217	-
SP	73,2	73,2	73,2	-	-	121,5	121,5	121,5	0	0	1.660	1.660	-
Sudeste	296,6	296,6	296,6	-	-	560,8	560,8	560,8	0	0	1.891	1.891	0
MT	428,0	612,0	629,2	43,0	47,0	1.018,6	1.456,6	1.497,5	43,0	47,0	2.380	2.380	-
MS	70,2	78,6	82,8	12,0	18,0	238,7	267,2	281,5	12,0	17,9	3.400	3.400	-
GO	129,0	187,1	200,0	45,0	55,0	247,7	374,2	400,0	51,1	61,5	1.920	2.000	4,2
DF	0,4	0,4	0,4	-	-	0,6	0,6	0,6	6,7	6,7	1.400	1.400	-
C.-Oeste	627,6	878,1	912,4	39,9	45,4	1.505,6	2.098,6	2.179,6	39,4	44,8	2.399	2.389	0,4
C.-Sul	1.999,4	2.303,8	2.391,8	15,2	19,6	6.648,0	8.464,3	8.833,4	27,3	32,9	3.325	3.693	11,1
N/NE	1.205,5	1.539,7	1.539,7	27,7	27,7	1.863,1	2.487,4	2.487,4	33,5	33,5	1.546	1.616	4,5
Brasil	3.204,9	3.843,5	3.931,5	19,9	22,7	8.511,1	10.951,7	11.320,8	28,7	33,0	2.656	2.880	8,4

Fonte: Conab/Didem.